



Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP) ¹

Fernandino Rodrigues do N. NETO²

Rosildo Raimundo de BRITO³

Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), Caruaru, PE
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), PB

Resumo

O impacto das mudanças contemporâneas, sobretudo tecnológicas, afetou de forma considerável a produção jornalística nos últimos anos. Com isso, a grande reportagem impressa vem se tornando cada vez mais escassa nos meios de comunicação, onde a informação é sucinta e descontextualizada. Por outro lado, o gênero tem conquistado espaço significativo nas produções experimentais de cursos de jornalismo, especialmente através do livro-reportagem. Partindo deste pressuposto, esse trabalho traça um breve perfil da produção desta modalidade na Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), em Caruaru (PE), analisando a variedade temática e narrativa dos trabalhos, que proporcionam aos jornalistas em formação experiências raramente vivenciadas durante a graduação, conjugando teoria e prática.

Palavras-chave: grande reportagem; projetos experimentais; livro-reportagem; jornalismo literário.

Introdução

No jornalismo convencional impresso destaca-se a produção de dois gêneros informativos: a notícia e a reportagem, conforme Lage (2003). Esta última, compreendida como a ampliação do simples relato de um fato para uma dimensão mais aprofundada e contextualizada, torna-se uma abordagem jornalística cada vez mais rara na imprensa cotidiana. Vários fatores justificam tal afirmativa.

Se por um lado a imprensa contemporânea foca sua atenção nos fatos considerados relevantes e atuais, revestindo-os com a brevidade da notícia, a reportagem vem alcançando nos últimos anos uma larga produção nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) das faculdades de jornalismo, que incluem como modalidade de Projetos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela FAVIP-PE, email: fernandino360@gmail.com

³ Mestre em Ciências da Sociedade pela UEPB e docente do curso de Educomunicação da UFCG-PB, email: brito.rosildo@gmail.com



Experimentais as práticas jornalísticas impressas, permitindo ao estudante o exercício mais profissional de instrumentalização deste gênero.

Por meio destas práticas, que incluem jornais, revistas, reportagens especiais e livros-reportagem, o gênero em destaque consegue alcançar um patamar de maior amplitude através da grande-reportagem, que de acordo com Lima (1998), possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo uma liberdade maior para escapar aos grilhões impostos pela fórmula da notícia, encontrando lugar privilegiado no livro-reportagem, que exerce papel extensor do jornalismo cotidiano.

Kotscho (2004, p.71) define a grande reportagem como matérias extensas que procuram explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos. Ele diz que o nome não está relacionado ao número de linhas e de páginas que ocupa no jornal, mas ao fato de requerer um grande investimento em termos humanos (para o repórter) e financeiros (para a empresa), por isso, talvez, ela está desaparecendo dos jornais.

Aqui, está a problemática deste artigo, que de forma sucinta, pretende analisar o livro-reportagem como modalidade de TCC, tomando como corpus a produção desta modalidade no curso de jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), em Caruaru; apresentando-o como um instrumento que possibilita o desenvolvimento da grande reportagem, o aprofundamento e contextualização de fatos, alguns deles esquecidos pela imprensa.

Considerando o tema da pesquisa, é importante ressaltar que não há qualquer registro de estudo nesse sentido, que tome como enfoque a produção de TCC's no curso de jornalismo da FAVIP, o que justifica o seu ineditismo. Todavia, destacamos que tal análise pode – e deve – gerar outras importantes pesquisas, uma vez que não pretendemos nos deter à multiplicidade de produções experimentais.

Buscando entender como o livro-reportagem contribui para o aprofundamento dos fatos tratados de forma fragmentada pela imprensa, partiremos para uma visão conceitual do gênero, analisando sua produção e ramificações. O artigo busca explicitar as principais diferenças entre a prática da grande reportagem no jornalismo convencional e através de



livro, salientando a importância do Jornalismo Literário no tratamento e aperfeiçoamento da mensagem jornalística.

Metodologia

Para atender aos objetivos propostos, o presente trabalho foi desenvolvido com base numa pesquisa descritiva e exploratória, que busca, de acordo com Gil (2002, p.42-43), identificar e descrever as características do objeto de estudo (o livro-reportagem como instrumento de produção da grande-reportagem no curso de jornalismo da FAVIP), levantando dados necessários e não disponíveis.

Recorremos também à pesquisa bibliográfica, para identificar autores e trabalhos que tratam a respeito do tema em destaque, indispensáveis à discussão teórica. Além da leitura de tais obras, foi realizado um levantamento para quantificar os TCC's de jornalismo da instituição de ensino (produzidos no período de 2005 a 2009), assim como sua classificação, segundo a modalidade específica.

Como os TCC's podem ser enquadrados em seis modalidades, segundo o Manual de Normatização, valemo-nos de uma análise categorial, proposta por Chizzotti (1995, p.98), como “um aspecto da análise de conteúdo que pode ser classificado através de categorias”, porém, respaldados na classificação proposta por Lima (2004).

Avançando as limitações da imprensa convencional

O livro-reportagem é um veículo jornalístico impresso não periódico. A linguagem utilizada neste tipo de obra, assim como os procedimentos de sua produção são nitidamente jornalísticos. Sua isenção em relação a funções pilares do jornalismo como a periodicidade e a atualidade, acaba oferecendo ao autor uma variedade de liberdades operacionais, desde a escolha do tema até o estilo narrativo a ser adotado.

Para compreender o que de fato vem a ser um livro-reportagem, recorreremos a Lima (op. cit., p.26), que apresenta uma definição conceitual concreta para esta modalidade:

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco (...) o livro-reportagem é o



veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.

O professor, um dos principais estudiosos do livro-reportagem no Brasil, defende que este veículo de comunicação amplia o trabalho da imprensa cotidiana, concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados de forma superficial e, por outro lado, pode resgatar assuntos esquecidos pelos periódicos.

Ainda segundo Lima (1998), o jornalismo contemporâneo existe como um instrumento mediante o qual as pessoas são informadas do que acontece no mundo. Para cumprir sua missão principal, ele se vale de um mecanismo básico que é a notícia, baseada na pirâmide invertida (norma adotada do jornalismo americano que dita como padrão informar os acontecimentos de acordo com a ordem de importância dos fatos).

No entanto, existem temas que requerem uma abordagem mais ampla e contextualizada, que proporcionem a compreensão de uma mesma realidade sob várias perspectivas, apresentando suas causas e efeitos, incluindo possíveis desdobramentos. A partir daí, surge a reportagem, com o propósito de informar e aprofundar um tema, com uma linguagem mais solta, que atinja um público de perfil variado.

Sodré e Ferrari informam que “No jornalismo – tanto no chamado livro-reportagem, quanto no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia” (1986, p.75). Os autores assinalam como principais características da reportagem: a predominância da forma narrativa; a humanização do relato; o texto de natureza impressionista; e, a objetividade dos fatos narrados (p.15).

Com base nestas prerrogativas, Lima (op. cit.) explica os motivos da expansão do livro-reportagem. Se por um lado a reportagem busca oferecer ao leitor uma mensagem com linguagem envolvente e tratamento aprofundado, a publicação de informações na sociedade contemporânea ocorre de forma mecanicista, seguindo uma produção em massa que deve cobrir diferentes áreas e atingir o maior número de receptores.



Isso acaba gerando a diminuição do espaço disponível nos veículos impressos. Aliado a tais fatores, existe o interesse da empresa em reservar muito espaço para as mensagens publicitárias, o que acaba impossibilitando a produção de grandes reportagens, inquietando os profissionais mais criativos e ousados, que se sentem tolhidos no seu potencial (p.12-13).

Compreende-se, a partir de tal afirmação que o livro-reportagem, busca suprir o espaço deixado pelas publicações periódicas, que lutam contra o tempo e a concorrência, “praticando em muitas ocasiões o exercício de uma informação pública imprecisa” (2004, p.32). Por fugir dessas e outras limitações, o livro-reportagem vem se popularizando no país, através dos escritos de jornalistas e no âmbito acadêmico.

Aliás, o livro-reportagem é um gênero abundantemente produzido por universitários. Os trabalhos tratam de questões sociais, históricas, ambientais, biografias e perfis, além de reportagens investigativas, que proporcionam aos jornalistas em formação experiências poucas vezes vivenciadas durante a graduação, atenuando o distanciamento entre a teoria na escola e a prática exigida pelo mercado.

Sendo o TCC um dos passos mais importantes na formação dos estudantes, a opção pelo livro-reportagem, em especial, representa um exercício de cidadania que provoca, a partir dos desafios, inclusive éticos, uma reflexão da responsabilidade social acerca da profissão e de seu papel, que vai muito além de informar fatos em evidência. Isso implica a necessidade de estudantes e professores atentarem para o conhecimento conceitual, técnico e prático deste veículo.

A prática do livro-reportagem: pauta, observação e narrativa

As etapas de produção de um livro-reportagem são as mesmas necessárias à criação de uma grande reportagem: pauta, captação, redação e edição. Em outras palavras, o jornalista deve encontrar um tema atrativo, relevante e extenso que justifique sua publicação; em seguida, elaborar um projeto, incluindo custos e planejamento gráfico.

A partir daí, cria-se a pauta - que é o ponto de partida - e segue-se para um rigoroso processo de apuração e confrontação de informações. Por fim, dá-se início à redação do



texto, que precisa ser bem trabalhado, rico em detalhes e possuir uma linguagem acessível. A mensagem deve ser fluente, captar e manter o interesse do leitor, como num bom filme de ficção ou num excelente romance literário.

Na etapa de captação, o autor recorre à pesquisa bibliográfica e documental, tomando como parâmetro a entrevista, que “é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo, (...) uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2003, p.73).

Nessa fase, a pesquisa, apontada por Lage (op. cit.) como a base do melhor jornalismo, é fundamental, porque o caráter documental e o volume de informações captadas requerem um nível de exatidão e compreensão dos dados. Não é necessário apenas divulgar informações, mas, organizá-las de forma compreensível, ainda que não seja em narrativa linear (uma das possibilidades de angulação do livro-reportagem).

Em relação à entrevista, Medina (2004) descreve duas tendências nas quais se enquadram este procedimento jornalístico: entrevistas que visam à espetacularização e entrevistas voltadas à compreensão (aprofundamento), esta última, necessária à grande reportagem. Quanto ao texto, a narrativa deve ser aprofundada, elegante e atrativa.

Segundo Belo (2006, p.118), “escrever uma reportagem não é enumerar fatos mecanicamente, mas sim dar vida a uma história real”. No livro-reportagem o texto oferece ao autor margens diferentes de construções, muitas vezes impraticáveis em jornais e revistas. A emoção acaba sendo um ingrediente necessário a este tipo de obra.

O sucesso do texto, para o autor, pode ser creditado a fatores como a humanização do relato; a apuração rigorosa; o fato de ser denso e ao mesmo tempo claro e conciso; a participação dos editores; e, por fim, o ineditismo. O jornalista e escritor Fernando Morais diz que o segredo do texto de não-ficção está na boa pesquisa, que compreende a tomada de testemunhos e o acesso a documentos, recortes, vídeos e gravações⁴.

⁴ Entrevista publicada na Revista Língua Portuguesa, ano II, número 14, dezembro de 2006. Ed. Segmento – São Paulo.



A última etapa compreende o processo de edição, que conforme Belo (p.124) “pode levar de dois a três meses, se o trabalho for feito com capricho.” Podendo demorar mais tempo, no caso de obras maiores. Quando produzidos para publicação imediata, após a impressão, ocorre o lançamento e distribuição, obedecendo ao calendário das editoras. O jornalista comenta as dificuldades enfrentadas pela maioria dos escritores no Brasil, entre elas o público diminuto, tiragens contidas e a distribuição (processo dispendioso).

Em relação aos livros-reportagem elaborados no âmbito acadêmico, a produção geralmente fica restrita à instituição, servindo apenas como material de consulta. Alguns alunos mais ousados adaptam a obra e correm em busca de patrocínio para publicação. Existe ainda a possibilidade de apresentá-los em eventos como a Exposição de Pesquisa Experimental em Jornalismo (EXPOCOM).

O perfil da produção de livros-reportagem no curso de jornalismo da FAVIP

A elaboração de um livro-reportagem, embora complexa, não requer do jornalista ou de estudantes anos de experiência em redações. Por esse motivo, muitas instituições de ensino superior facultam a seus alunos a modalidade como opção de TCC. Quando bem orientada, a atividade garante ao estudante um preparo fantástico em relação à prática profissional, tornando-o mais rigoroso e bem preparado (BELO, op. cit., p.69).

O presente artigo busca analisar a produção dos livros-reportagem elaborados na Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), cujo bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo (pioneiro no interior do Estado) foi iniciado em 2002 e já formou cinco turmas - resultando na produção de 117 Trabalhos de Conclusão.

As práticas de Projetos Experimentais possíveis na graduação estão descritas num manual próprio de normatização e compreendem seis modalidades: monografia; práticas televisivas ou videográficas; radiofônicas; impressas; digitais e fotojornalísticas, além de projetos de empreendimento.

Através de um estudo de caso, apresentamos um panorama geral da modalidade livro-reportagem na FAVIP, ressaltando a forma como os temas são trabalhados e classificando-os de acordo com a tipologia. Os dados demonstram que as práticas

jornalísticas impressas (jornal, revista ou livro-reportagem), figuram entre as preferidas, totalizando 61 projetos (52%), do total existente, conforme quadro abaixo:

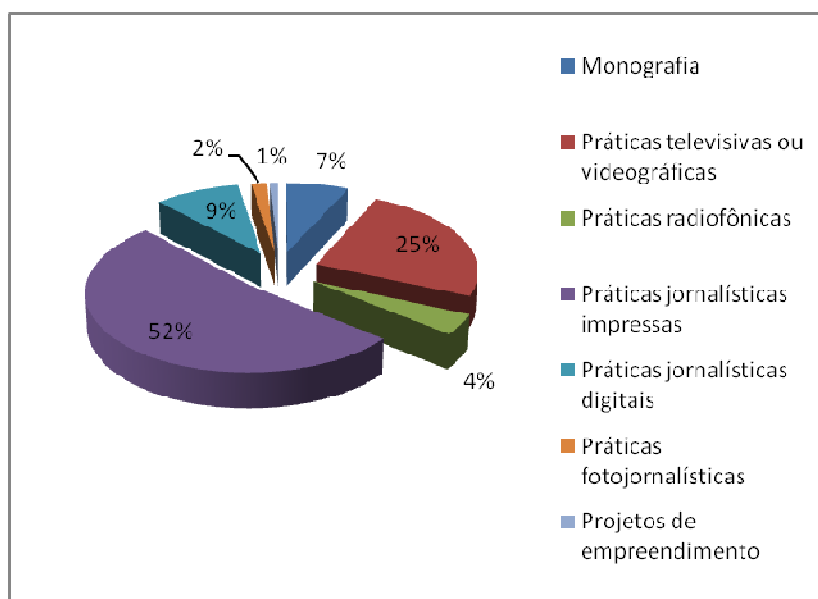


Gráfico 1 – Projetos Experimentais em Jornalismo no período de 2005 – 2009
Fonte: Dados da pesquisa (2010)

As informações comprovam ainda que, entre as práticas impressas (maior fatia das produções), o livro-reportagem surge como modalidade que apresenta o maior número de projetos: 28 trabalhos (46%) entre os 61 que compreendem esta prática.

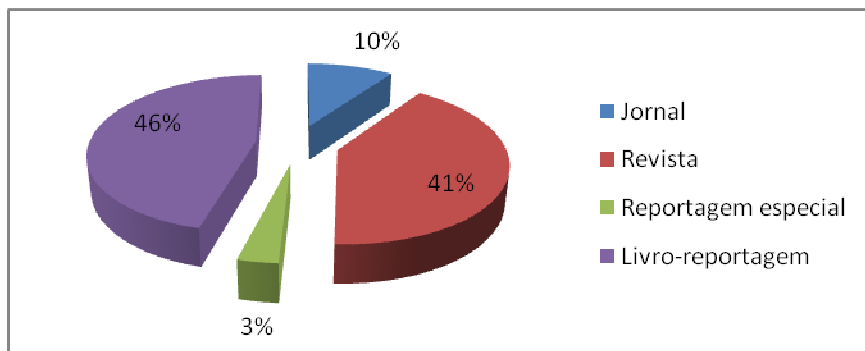


Gráfico 2 – Quantitativo das práticas jornalísticas impressas, por modalidades (2005 – 2009)
Fonte: Dados da pesquisa (2010)

Analisando estes dados de forma superficial, podemos atribuir a preferência dos estudantes por modalidades impressas a dois fatores primordiais: primeiro, a ênfase dada ao impresso na grade curricular do curso, com disciplinas de língua portuguesa, redação jornalística e técnicas de entrevista e reportagem; depois, por questões de custos, o que acaba refletindo na qualidade de alguns trabalhos.

A proposta de classificação dos livros-reportagem descrita por Lima, de acordo com a linha temática e os modelos de tratamento narrativo, apresenta 13 categorias, não definitivas, em decorrência da flexibilidade e criatividade peculiares a este veículo jornalístico. São elas: perfil; depoimento; retrato; ciência; ambiente; história; nova consciência; instantâneo; atualidade; antologia; denúncia; ensaio e viagem.

Na FAVIP, a maioria dos livros está voltada para as temáticas históricas (focalizando um tema do passado conectado ao presente por algum elemento atual) e para os perfis (obras que evidenciam o lado humano de personalidades públicas ou anônimas). O quadro a seguir ilustra esta afirmativa.

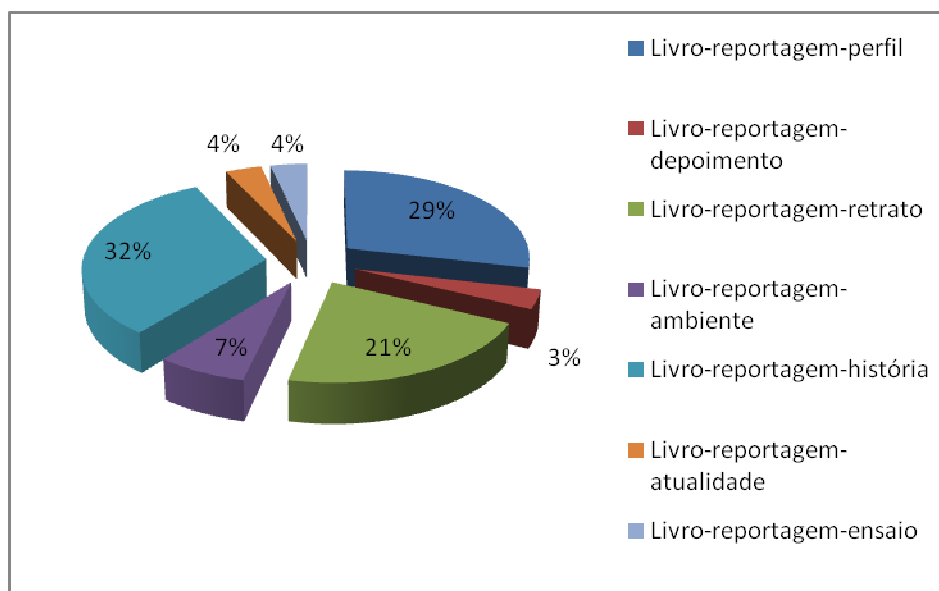


Gráfico 3 – Percentual de livros-reportagem produzidos na FAVIP, de acordo com a tipologia
Fonte: Dados da pesquisa (2010)

Apesar de não ser um desafio para o qual se exija larga experiência, a produção de um livro-reportagem requer conhecimento detalhado em relação à sua elaboração, uma vez que o gênero se completa com a acurácia na apuração, visão analítica e habilidade lingüística capazes de tornar o texto atraente. A ausência de tais conhecimentos acaba gerando trabalhos mal-estruturados e, em grande parte, sem o aprofundamento exigido.

Nos anos de graduação, os alunos se acostumam a redigir textos padronizados, que castram a criatividade, um dos fatores determinantes para o êxito negativo de alguns livros-reportagem. Para ilustrar a realidade descrita, apresentamos trechos de obras produzidas na instituição analisada, os quais, além da criatividade, também apresentam



traços da observação atenta como procedimento técnico apontado pelos estudiosos do livro-reportagem já mencionados. Cinco livros, de temáticas diversificadas, foram selecionados.

A) “Impossível não passar pelos corredores sem perceber os olhares atentos e curiosos dos moradores, sentados em cadeiras de balanço ou bancos de cimento, numa fileira, logo no primeiro corredor da casa. Aqueles olhos, inquietos, querem saber quem é a nova visita. É como se pedissem: “Ei, moça, venha cá!”. Um aceno ou um sorriso, e eles já ganharam o dia”. (VALENÇA, 2006, p.61)

B) “Os assaltos eram feitos sempre da mesma maneira: eu arrumava dois comparsas, seguíamos para a cidade escolhida, nos hospedávamos em hotéis diferentes e marcávamos de nos encontrar em um lugar discreto. Depois, escolhíamos o banco mais tranqüilo para o roubo. Entrávamos normalmente na agência. Meus companheiros ficavam encarregados de render os vigilantes, e eu, de abrir o cofre, se o banco tivesse, ou levar o dinheiro dos caixas”. (SILVA, 2006, p.62-63)

Os parágrafos acima, cujas narrativas são peculiares à exigida em textos que visam ao aprofundamento e compreensão de um fato, exemplificam bem o texto jornalístico-literário, dada a sua função de envolver o leitor e motivá-lo a continuar a leitura. Ou seja, contêm a linguagem ideal para desempenhar sua função primordial, através de um vocabulário expressivo, que busca a humanização do discurso.

O texto “A” foi extraído do livro-reportagem-retrato “Quero ser...”, que analisa a população idosa, com foco na cidade de Caruaru, e busca convencer o leitor a compreender a terceira idade como uma fase encantadora, diferente da ideia criada no imaginário social, retratando o trabalho de entidades ligadas a esta parcela da população e utilizando perfis de idosos que são exemplos de superação.

Reunindo histórias de vida de detentos da Penitenciária Juiz Plácido de Souza, em Caruaru, o texto “B” é parte integrante do livro-reportagem-depoimento “Enxergando o invisível”, cuja meta é dar voz a pessoas excluídas do convívio social. Ambos os fragmentos apresentam preocupação em humanizar o relato, concedendo ao texto certa emotividade ou provocando no leitor um processo mental de idealização da cena.



Há, todavia, textos que não correspondem às características técnicas de um livro-reportagem, desprovidos dos aspectos citados em relação aos citados anteriormente e dotados de uma narrativa por demais objetiva, como se fossem escritos para ocupar o espaço de uma simples notícia num jornal impresso. Vejamos estes exemplos:

C) “A história de Altinho começa com a fé e devoção a Nossa Senhora do Ó. De uma fazenda que levava o mesmo nome da Santa, surgiu a cidade, situada no Agreste pernambucano. A fazenda ficava na ribeira do Rio Una e foi fundada por Antônio Vieira de Melo, no final do século XVII”. (SANTOS, 2009).

D) “As grandes transformações operadas no Brasil, desde os fins do século XIX, marcadas inclusive por alterações institucionais importantes o fim do escravismo, o advento da República principalmente corresponderam ao avanço das relações capitalistas em nosso país e, conseqüentemente, à progressiva ascensão da burguesia” (FLORÊNCIO e SILVA, 2005).

Os textos acima são parágrafos de abertura dos livros-reportagem-história “Da Paixão à Consciência: um breve relato sobre a história política de Altinho”, que busca retratar a política num contexto local, com ênfase na disputa das atuais lideranças e “A presença dos jornais impressos em Caruaru”, que enfoca a história dos periódicos (extintos e em circulação) na cidade e suas peculiaridades.

A superficialidade dos textos e a dificuldade em criar expectativas são constatadas à medida que avançamos a leitura. Mesmo se tratando de obras de caráter histórico, a fluência textual corrobora a “imaturidade” em relação à prática da grande reportagem, pela forma como os fatos são desenrolados, limitando-se a simples relatos.

Entre os livros-reportagem enquadrados na modalidade perfil, destacam-se a produção das biografias, obras resultantes de um trabalho documental, subjetivo e árduo. A biografia é, por natureza, um gênero híbrido e pode resultar do interesse pessoal do autor em reconstituir a trajetória de vida de uma personalidade – pública ou anônima.



Vilas Boas (2003, p.13) explica o que vem a ser um perfil jornalístico, ao distinguir que diferentemente das biografias em livro, que devem conter pormenores da história do personagem central, os perfis podem enfocar momentos específicos da vida da pessoa. O autor diz que a biografia exige o emprego de recursos variados de redação cujas possibilidades estilísticas não encontram similares na produção industrial do jornalismo cotidiano. (2002, p.73).

No caso da FAVIP é perceptível que ao optar pela produção de ensaios biográficos, o estudante seleciona personagens relevantes no cenário local e regional, em sua maioria pouco lembrados pela grande imprensa ou que se tornam nacionalmente conhecidos pela atividade que realizam.

E) “Nascido em um ambiente muito musical, Onildo, desde menino, mostrou habilidade com os sons. Em sua casa, existiam três pianos, que eram disputados por suas irmãs. (...) Na sala vasta, havia uma grande radiola, em que seu pai apreciava todos os dias, as vozes de Orlando Silva, Luiz Gonzaga, Augusto Calheiros. Uma discoteca complementava o seu anseio pela música”. (SANTOS ET AL., 2008, p.23).

O trecho acima foi retirado da biografia “O Homem da Feira: Vida e Obra de Onildo Almeida”, escrita com o propósito de narrar a trajetória de vida do cantor e compositor, autor da música *A Feira de Caruaru*, gravada por Luiz Gonzaga, em 1957 e que divulgou a feira livre da cidade em todo o país. Os recursos utilizados na narrativa, com organização coerente de ideias, resgata um aspecto fundamental da vida do biografado.

Ainda citando Lima (1998), na tentativa de ampliar e interligar fatos, o livro-reportagem utiliza todos os recursos próprios da prática jornalística. No entanto, quando estes são insuficientes, o jornalista deve recorrer a técnicas de outras áreas. É comum, na produção de livros-reportagem, o uso de recursos advindos da história, psicologia, sociologia e, sobretudo, da literatura.

Apesar das controvérsias existentes em relação à intersecção entre Jornalismo (realidade) e Literatura (ficção), é indiscutível a contribuição de recursos literários no tratamento e aperfeiçoamento da mensagem, especialmente em livro, daí a necessidade de compreensão conceitual e técnica do Jornalismo Literário, que de acordo com Pena



(2008, p.105) é “uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da Literatura”.

O conceito Jornalismo Literário está diretamente ligado ao movimento conhecido como New Journalism, que surgiu nas redações americanas na década de 1960, a partir da insatisfação dos jornalistas com as regras de objetividade do texto. O manifesto do gênero foi escrito por Tom Wolfe, em 1973, no intuito de aproximar o estilo jornalístico das técnicas literárias presentes nos grandes romances.

Como proposta de aprofundar o conhecimento do alunado acerca dos conceitos que norteiam o livro-reportagem, no contexto da práxis jornalística, a FAVIP promove o curso de extensão “Livro-reportagem: teoria e técnica”, tratando desde a origem do gênero, até as etapas de planejamento e produção no âmbito acadêmico.

Considerações Finais

Visando atingir um leitor ávido por informações aprofundadas e em busca de respostas para as principais questões cotidianas, o livro-reportagem surge como uma importante ferramenta na luta contra o reducionismo do jornalismo contemporâneo, dedicado à publicação excessiva de informações isoladas e desprovidas de um nexos capaz de justificar os acontecimentos e ampliar horizontes.

Na tentativa de amenizar o “esquecimento” da grande reportagem através dos veículos de comunicação, profissionais criativos e ousados acabam investindo na elaboração deste produto para tratar assuntos relevantes, usufruindo das diversas possibilidades que ele oferece, desde a liberdade narrativa, à escolha de fontes e do eixo de abordagem. Entretanto, conforme a pesquisa revelou, o livro-reportagem é hoje uma importante ferramenta de produção do jornalismo literário nas faculdades.

As publicações editoriais de grandes reportagens desenvolvidas no âmbito acadêmico possibilitam aos estudantes a execução de técnicas pouco vivenciadas nos anos de graduação, quanto aos processos operacionais do jornalismo, a exemplo da pauta, apuração, pesquisa, entrevista, redação e edição. Essas experiências tornam-se fundamentais para a formação profissional e ética dos acadêmicos, atenuando a distância entre o aparato teórico adquirido na escola e a prática exigida pelo mercado.



Na Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), as práticas impressas lideram a lista de modalidades escolhidas pelos formandos em jornalismo e, nessa produção, o livro-reportagem ocupa posição de destaque. A análise de alguns trabalhos selecionados pela pesquisa confirma a necessidade de professores e alunos compreenderem os aspectos conceituais, técnicos e práticos desta modalidade, a fim de evitar a produção de textos que nada ou pouco têm a ver com a grande reportagem.

A produção de livros-reportagem também constitui um exercício de cidadania, isso porque enquanto o jornalismo se propõe a reconstituir a realidade, cabe ao jornalista buscar o contexto daquilo que é divulgado, a partir de uma análise crítica. Certamente, quando bem praticada, a atividade jornalística não apenas contribui para o conhecimento da população, mas, pode ajudá-la a modificar a própria realidade.

O jornalista e escritor Ricardo Kotscho diz que ser repórter é bem mais do que cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar. O jornalismo está a serviço do coletivo e suas ações devem sempre visar o bem comum.

É importante que os profissionais enxerguem o exercício jornalístico além do *lead*, libertando-se da equivocada ideia de ser objetivo, para ser compreendido. Lutemos para combater o jornalismo superficial e preguiçoso que opta pela polêmica em vez da construção de ideias e questionamentos inteligentes.

Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FLORÊNCIO, E. N.; SILVA, L. S. **A presença dos jornais impressos em Caruaru**. (Projeto Experimental de Jornalismo) Caruaru, PE: Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.



KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos; 268).

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, G. **Da Paixão à Consciência: um breve relato sobre a história política de Altinho**. (Projeto Experimental de Jornalismo) Caruaru, PE: Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), 2009.

SANTOS, J. ET AL. **O Homem da Feira: Vida e Obra de Onildo Almeida**. (Projeto Experimental de Jornalismo) Caruaru, PE: Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), 2008.

SILVA, C. A. **Enxergando o invisível**. (Projeto Experimental de Jornalismo) Caruaru, PE: Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: nota sobre a narrativa jornalística**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1986. (Novas buscas em comunicação; v. 14).

VALENÇA, M. O. **Quero ser...** (Projeto Experimental de Jornalismo) Caruaru, PE: Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), 2006.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003. (Novas buscas em comunicação; vol. 69).